

A língua em Gil Vicente: uma descrição da sintaxe dos clíticos no *Auto Pastoril Português*

Language in Gil Vicente: a description of clitic syntax in the *Portuguese Auto Pastoril*

Mireia Lêda Silva Santos¹
Cristiane dos Santos Namiuti²

Resumo: O presente trabalho descreve o comportamento dos clíticos no *Auto Pastoril Português* e analisa os fatores que regem a colocação pronominal átona na referida peça teatral. A obra vicentina, dada a riqueza dos traços linguísticos dos personagens, constitui um local profícuo para se investigar as gramáticas que subjazem o Português Clássico e, dessa forma, serve como fonte de bons dados para dar continuidade aos estudos gramaticais sobre a história da língua portuguesa. Ancoradas no quadro teórico gerativista tabulamos e explicamos os dados seguindo contextos sintáticos disponíveis na literatura (Galves, 2015). Atestamos que a colocação dos clíticos no auto analisado apresenta uma alta frequência de próclise (77%) em orações raízes e coordenadas introduzidas por sujeito, objeto e sintagma preposicional, e nas orações coordenadas introduzidas apenas por conjunção coordenativa ou por oração adjunta atesta-se ênclise em todas as ocorrências (100%). Este resultado corrobora as hipóteses de Galves (2015) e Namiuti e Cruz (2023), segundo a qual as variações nas frequências de próclise e ênclise são reguladas por fatores sintático-gramaticais e não por questões sociais.

Palavras-chave: Clíticos. Diacronia. Português Clássico. Sintaxe.

Abstract: This paper describes the behavior of clitics in the *Auto Pastoril Português* and analyzes the factors that govern the placement of unstressed pronominal clitics. The Vicentine work, given the richness of the linguistic traits of its characters, constitutes a fruitful source for investigating the grammars underlying Classical Portuguese and, in this way, serves as a good source of data for continuing grammatical studies on the history of the Portuguese language. Within a generative theoretical framework, we tabulate and explain the data based on the syntactic contexts described in the literature (Galves, 2015). We attest that clitic placement in the analyzed *corpus* follows a proclitic pattern (77%) in root and coordinate clauses introduced by a subject, object, or prepositional phrase, whereas in coordinate clauses introduced solely by a coordinating conjunction or an adjunct clause, enclisis is attested in all occurrences (100%). This result corroborates the hypotheses of Galves (2015) and Namiuti and Cruz (2023), according to which variations in the frequencies of proclisis and enclisis are regulated by syntactic-grammatical factors rather than by social factors.

Keywords: Classic Portuguese. Clitics. Diachrony. Syntax.

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, Ba, Brasil. Endereço eletrônico: mireialeda12@gmail.com

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, Ba, Brasil. Endereço eletrônico: cristianenamiuti@gmail.com

Introdução

Martins (2011), ao estudar a colocação pronominal na obra de Gil Vicente, observou que o teatro vicentino, em linhas gerais, apresenta uma elevada incidência de ênclise (pronome posposto ao verbo), e considerando que as peças do autor retratam muitos personagens populares, a autora propôs a hipótese de uma gramática popular de natureza enclítica para a produção teatral vicentina. A constatação verificada por Martins é particularmente relevante por se situar em um período em que a próclise era mais frequente nas demais obras da época – o Português Clássico (PCI) (cf. Galves; Brito; Paixão de Sousa, 2005). A partir da discussão feita por Galves (2015) sobre as hipóteses que explicariam a variação ênclise vs próclise nas obras vicentinas, no presente estudo buscamos descrever a sintaxe dos pronomes clíticos no *Auto Pastoril Português* (doravante APP), de autoria de Gil Vicente, e discutir o seu estatuto gramatical.

Com base na teoria gerativista (Chomsky, 1995), levantamos a seguinte questão: quais fatores regem a colocação dos pronomes clíticos no *Auto Pastoril Português*? Mais precisamente, visamos compreender se as falas vicentinas refletem uma única gramática³ ou se evidenciam um processo de competição entre gramáticas (Kroch, 1989, 2001), no qual formas inovadoras, provenientes de uma gramática emergente, coexistem com formas mais antigas, advindas da gramática previamente estabelecida.

Posto isso, o objetivo aqui é dar continuidade à investigação da colocação pronominal no teatro vicentino, de modo a contribuir para a discussão sobre as hipóteses de gramáticas que figuraram na diacronia da língua portuguesa. Para tanto, faremos uma descrição detalhada da sintaxe dos clíticos no *Auto Pastoril Português*, com vistas a verificar o estatuto gramatical da sintaxe dos pronomes átonos, observando não só a variação entre próclise e ênclise, mas também outros fenômenos que acontecem em outros contextos (mesóclise, interpolação, subida de clítico), já que a sintaxe dos clíticos varia conforme determinados contextos sintáticos (Martins, 1994; Galves, 2015). Desse modo,

³ Gramática, à luz do modelo gerativista, é entendida como a capacidade de gerar estruturas, limitada pela Gramática Universal, que é composta por princípios invariáveis, dispostos na cognição humana, e por parâmetros, cujo valor é fixado no processo de aquisição da linguagem, o que determina os limites de variação entre as diferentes gramáticas particulares. “Cada gramática particular, neste sentido, representa uma determinada parametrização dos princípios da Gramática Universal” (Galves; Namiuti; Paixão de Sousa, 2006, p. 48). Sob esse enquadramento teórico, a Mudança Gramatical é compreendida como o resultado da relação entre o mecanismo inato da linguagem e os dados linguísticos aos quais os falantes são expostos.

investigar se a colocação pronominal átona nos contextos de variação segue os mesmos padrões e tendências das já verificadas em outros trabalhos que consideraram outras peças vicentinas (Silva-Santos; Namiuti, 2024), e com isso somar evidências que possam corroborar as hipóteses sobre a gramática que rege o Português Clássico.

Consideramos a hipótese de que a colocação dos pronomes átonos no teatro de Gil Vicente não é condicionada pelo viés social, mas por fatores sintáticos associados à proposta de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) para o Português Clássico, segundo a qual a próclise predomina nos contextos de Variação I, em que “o verbo é imediatamente precedido por um sujeito, um advérbio, ou um sintagma preposicional” (Galves, 2015, p. 62) e a ênclise nos de Variação II, “em que o verbo é imediatamente precedido por orações dependentes ou por conjunções de coordenação” (Galves, 2015, p. 63), caracterizando uma gramática sensível a fatores informacionais.

Para tanto, o trabalho está organizado da seguinte maneira: nesta primeira seção, foi apresentado o problema, a hipótese e a justificativa amparados na literatura existente; na segunda seção, apresentamos mais detalhadamente o arcabouço teórico e o estado da arte de pesquisas relacionadas ao tema; na terceira seção descrevemos o *corpus* e a metodologia adotada; a quarta seção está dedicada à apresentação dos resultados; e, por fim, na quinta seção, concluímos o trabalho.

A sintaxe dos clíticos e a mudança gramatical na história da língua portuguesa

Conforme aponta Martins (1994), em consonância com outros estudos sobre o galego-português, a ênclise é categórica quando o verbo ocupa a primeira posição absoluta da sentença.

Quanto à obrigatoriedade da próclise e da ênclise em contextos específicos, vejamos a explicitação apresentada por Galves (2003, p. 246):

O que chama a atenção na história da colocação de clíticos no português europeu é que, por um lado, os contextos de próclise obrigatória nunca mudaram e, por outro lado, a ênclise sempre foi obrigatória nos contextos V1. No que diz respeito a esses dois contextos, as regras de colocação têm sido, portanto, notadamente estáveis. Os contextos nos quais a próclise

tem sido categórica são: a) orações negativas; b) orações subordinadas; e c) orações nas quais o sintagma pré-verbal é um quantificador de um certo tipo, um operador -qu, um sintagma focalizado, ou um advérbio de uma certa classe (Galves, 2003, p. 246).

Nos documentos não-literários notariais estudados por Martins (1994), a autora mostra que, do século XIII ao XVI, o PE apresenta ambientes categóricos para a próclise e para a ênclise. Quanto à próclise, há ordem fixa em orações que apresentam um operador de negação predicativa (ex. 1), sentenças começando por quantificadores (ex. 2) e certos advérbios (ex. 3) e em orações dependentes finitas, seja uma completiva (ex. 4), uma relativa (ex. 5) ou uma adverbial (ex. 6).

- (1) E nã **lhy** fazer o Moesteiro pela carreira mais dano do que lhy ante f(azia) (Martins, 1994, p. 17)
- (2) Todo **se** compria (Martins, 1994, p. 18)
- (3) Ainda **vos** eu mais direi (Martins, 1994, p. 21)
- (4) E de utras deuidas que mi e uos auemos que **me** nom nebram que uos segades teudu pulas fazerdes pagar (Martins, 1994, p. 93)
- (5) Eu antonio lujs (...) que este estormento esprevi e mjnha nota e dela **ho** mandey treladar per meu esprivãã bem e fiellmete (...) e **ho** cõcertey com ho proprio que em meu poder fiquaa e **ho** asiney aqui deste meu publico synall (Martins, 1994, p. 96)
- (6) E que faça ende aniuersaryo ao Conueto do Mõesteyro de san johã da Pendorada assy como **o nos** fazíamos (Martins, 1994, p. 94)

Já no que tange à ênclise obrigatória, ocorre em oração com o verbo em primeira posição absoluta (sentenças V1) (ex. 7) e construções com tópico (ex. 8). Para as sentenças com deslocação à esquerda do clítico (DEC), alguns estudos argumentam que, quando o pronome retoma o complemento previamente expresso, sua posição é invariavelmente enclítica (Ramsden, 1963; Ogando, 1980). Contudo, Martins (1994) registrou a ocorrência tanto de ênclise (ex. 9) quanto da próclise (ex. 10) em situações de DEC.

- (7) ssegu**ese** a vedoria (NO, 1509) (Martins, 1994, p. 50)
- (8) teus comeres // guarda-**os** pera ty (Martins, 1994, p. 33)
- (9) E o poderio, tolheron-**mh'o** (Martins, 1994, p. 35)
- (10) A verdade daquesta profecia mais claramente **a** vemos (Martins, 1994, p. 36)

Nas orações dependentes gerundivas, o clítico é posposto em todas as épocas (Martins, 1994) (ex. 11), exceto nas gerundivas negativas (ex. 12) dada a presença do operador de negação que determina a colocação anteposta do pronome. As gerundivas iniciadas pela preposição ‘em’ possuíam variação livre entre a próclise (ex. 13) e a ênclise (ex. 14).

- (11) Pero mendiz clérigo de don Abbade de Santo tisso ueo perdante Stevam martjnz Juiz de Refoios queissandosse por o homees de sento tisso (Martins, 1994, p. 103)
- (12) E nom **a** querendo ellas pera o dicto Mosteiro que entom a dicta maria rrodriguiz ou pessoa que a trouxer e uender quiser a uenda a tal pessoa que seia das que o derecho quer (Martins, 1994, p. 107).
- (13) E, em **lhe** sendo assi falando, baterom aa porta
- (14) E, em dando-**lh’a**, lhe disse (Martins, 1994, p. 108)

Quanto às infinitivas introduzidas por ‘de’, ‘pera’ e ‘a’, as três, largamente representadas nos documentos analisados por Martins (1994), demonstram colocação diferente do pronome entre os séculos XIII e XVI. Assim, nas orações infinitivas iniciadas por ‘de’, em todos os períodos, o pronome ocorre anteposto ao verbo (ex. 15).

- (15) E sse o dicto vasco gonçasuez nom pagua azeite que o dicto Joham cordeiro nom seia thudo de o pagar (Martins, 1994, p. 111)

Nas iniciadas por ‘pera’, a variação é livre no início do período nos documentos notariais (ex. 16), de modo que a última ocorrência do pronome em ênclise data de 1341 e, após essa época, tanto ‘pera’ como ‘de’ passam a condicionar necessariamente a próclise, indicando, nesse tipo de estrutura, “uma evolução no sentido da fixação da ordem ‘clítico-verbo’ em contextos de primitiva ordem livre.” (Martins, 1994, p. 114), conforme o (ex. 17).

- (16) Pera partir por elas cõ o dito Gomez perez e cõ as molher e pera defendelas a qualquer demãda que lhis sobrela dita partiçõ saya (Martins, 1994, p. 114)
- (17) E obrigo todos los bees do dicto Monsteiro pera **uos** defender e enparar a dicta Erdade (Martins, 1994, p. 115)

No século XIII, com a preposição ‘a’ introduzindo subordinadas infinitivas, o pronome ocorre em posição pós-verbal (ex. 18). Entretanto, em meados do século XVI (a

partir do ano de 1343), o clítico passa a aparecer anteposto ao verbo em todas as subordinadas infinitivas iniciadas por 'a' (ex. 19).

(18) E prometemos a **téélas** e aguardalas

(19) E obrigou os bees do dito spital a **lhos** ljuar e defender o dito casal (Martins, 1994, p. 120)

Além desses contextos, havia variação livre em orações independentes “neutras” (Martins, 1994). Por “neutras”, entendem-se as orações matrizes afirmativas que não apresentam proclisadores - elementos com potencial para a próclise -, nem configurações sintáticas que imponham a ênclise, isto é, contextos em que a posição do clítico não é determinada por fatores que condicionam uma colocação categórica, permitindo a alternância entre próclise e ênclise (Martins, 1994). Diferentemente das orações exemplificadas em (1)-(6), nas quais a presença de proclisadores, como a negação, quantificadores, determinados advérbios ou de subordinação determina a anteposição do pronome, as orações independentes neutras constituem os contextos em que a colocação pronominal permanece variável.

Ressaltamos que, embora os contextos que fixam a posição dos clíticos tenham permanecido constantes ao longo da diacronia, Martins (1994, p. 55-56) aponta uma mudança em andamento, percebida já no século XIV, nos contextos de variação:

A par desta possibilidade de oscilação entre anteposição e posposição dos clíticos, que existe durante toda a época medieval (e também, embora com uma frequência muito mais baixa, no português clássico), observa-se, todavia, uma mudança em curso: a posposição dos clíticos, largamente dominante (em termos quantitativos) durante o século XIII, vai ser progressivamente substituída pela anteposição, maioritária no século XV e quase exclusiva no século XVI. Quer isso dizer que a mudança em causa esboça-se já no século XIV, e consolida-se nos séculos XV e XVI (Martins, 1994, p. 55-56).

Dessa forma, apesar da variação livre em orações independentes “neutras”, nos séculos XIII e XIV havia uma tendência ao clítico posposto. A partir do século XIV, essa preferência começa a mudar para a anteposição do pronome, tornando-se dominante no século XV e quase unânime no século XVI (Martins, 1994).

Segundo Martins (1994), nos documentos não-literários analisados por ela, não há registros de ênclise em orações independentes “neutras” no século XVI. No entanto, a autora destaca que isso não permite concluir “que a próclise se generalizou no século XVI, no contexto relevante, tendo-se assim perdido a possibilidade de oscilação entre a anteposição e posposição dos clíticos” (Martins, 1994, p. 58).

Martins (1994) observou que, nos séculos XIV e XV, período de maior alternância pronominal, a posição do clítico se relaciona com a presença do sujeito. Em sentenças com sujeito exposto e anteposto ao verbo, a colocação do pronome é equilibrada, enquanto em enunciados com sujeito vazio (não preenchido), o clítico tende a aparecer posposto. Com base nisso, a estudiosa concluiu que a presença do sujeito antes do verbo favorecia a próclise no século XIV.

Nesse íterim, é válido ressaltar que a sintaxe da colocação pronominal é um assunto de pesquisa frequente nos estudos linguísticos, especialmente nas análises ancoradas no quadro gerativista que versam sobre mudança gramatical na história da língua portuguesa, haja vista que, como vimos, a posição e a colocação⁴ dos clíticos variam diacronicamente e, por sua natureza dependente, requerem o apoio de outro elemento sintático, geralmente um verbo, embora possam se associar a outros elementos. O pronome clítico pode ocorrer anteposto ao verbo (procliticamente) (ex. 20), posposto ao verbo (encliticamente) (ex. 21), no interior do verbo (mesocliticamente, entre o tema verbal e os morfemas flexionais) (ex. 22), e na periferia esquerda da sentença não adjacente ao verbo (interpolando constituintes) (ex. 23), ou junto do verbo auxiliar (com a subida de clítico) (ex. 24).

(20) Agora **vos** diremos das gerações de Caym (Martins, 1994, p. 28)

(21) Contou-**lhe** todo (Martins, 1994, p. 18)

(22) E enton dar-**lhe**’ia Deus lumes de seus olhos (Martins, 1994, p. 158)

(23) Que **lhj** nõ sega autorgado (Martins, 1994, p. 162)

(24) Se **o** devo esperar, eu o sei (Andrade; Namiuti, 2016, p. 202)

⁴ De acordo com Andrade e Namiuti (2016), a posição do pronome átono relaciona-se ao lugar que ele ocupa na estrutura sintática, seja em sigma (Σ) ou no sintagma de flexão (IP), ao passo que a colocação refere-se à propriedade clítica de estar anteposto ou posposto ao hospedeiro.

A partir da premissa de que a colocação pronominal átona desempenha um papel crucial na explicação das mudanças gramaticais do português, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), baseadas em Kroch (1989, 2001) e no estudo da variação da posição e colocação dos clíticos e da ordem dos constituintes em diferentes domínios sintáticos, identificaram três estágios gramaticais na história da língua portuguesa, compreendidos entre os séculos XIII e XIX, associados aos grandes ciclos da periodização tradicional: “o Português Arcaico, o Português Clássico e o Português Europeu Moderno” – além da variante do Português Brasileiro (Galves; Namiuti; Paixão de Sousa, 2006, p. 47).

De acordo com Kroch (1989, 2001), por razões teóricas vinculadas ao modelo gerativista de aquisição da linguagem, a mudança gramatical não ocorre de maneira gradual, mas, sim, abrupta, uma vez que se dá individualmente durante o processo de aquisição da linguagem, conforme a experiência linguística do falante. A percepção de gradação para eventos de mudança gramatical é explicada pelo autor por competição de gramáticas: um conceito que implica que os fenômenos sintáticos/gramaticais (formas novas, geradas pela gramática nova), relacionados à mudança, apareçam nos dados (textos) timidamente e vão ganhando espaço com o tempo em competição com as formas velhas (geradas pela gramática anterior).

Partindo dessa concepção de que alterações paramétricas afetam a gramática como um todo, visto que um parâmetro não se restringe a uma única construção, e considerando que diferentes fenômenos em variação, observados em um mesmo intervalo temporal, podem ser atribuídos a uma única mudança paramétrica (Kroch, 1989, 2001), é necessário modelar a variação ao longo do tempo, de modo a compreender a natureza desses processos e, desse modo, formular hipóteses sobre as gramáticas.

Assim, com base no quadro proposto por Kroch (1989), segundo o qual a variação instanciada nos textos pode refletir oscilação originada por uma única gramática particular ou competição entre gramáticas, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) ao analisar fenômenos relacionados à posição e à colocação relativa dos clíticos e a ordem de constituintes nas sentenças, repensaram a periodização tradicional da língua portuguesa na diacronia a partir do surgimento de novas gramáticas entre os séculos XIV e XV e o início do XVIII, quais sejam, conforme as autoras, “o Português Arcaico, o Português Médio, e o Português Europeu Moderno”, e estes três períodos gramaticais estão associados, em

certa medida, aos grandes ciclos da periodização tradicional com fases de intersecção entre eles (Galves; Namiuti; Paixão de Sousa, 2006, p. 51).

A respeito da mudança na sintaxe dos clíticos na diacronia, destaca-se a variação da ênclise (ex. 25) e da próclise (ex. 26) que acontece nas orações raízes neutras. Durante o período antigo, o uso da ênclise predominava nesse contexto; já na fase clássica, a colocação torna-se majoritariamente proclítica; e, posteriormente, no Português Europeu Moderno, a ênclise retoma sua predominância (Galves; Namiuti; Paixão de Sousa, 2006).

(25) [...] eu acho-**me** bem em caminhos chãos [...] (Chagas, 1631)

(26) Ele **me** disse que pasmava [...] (Sousa, 1554)

(Galves; Namiuti; Paixão de Sousa, 2006, p. 5)

A volta da predominância da ênclise nos contextos de variação (orações não dependentes neutras) é um fator que chama a atenção de pesquisadores da área, pois enquanto as demais línguas românicas, após a desativação da Lei de Tobler-Mussafia⁵, caminharam para a generalização da próclise nos contextos em que anteriormente a ênclise era possível ou categórica, o português seguiu um percurso distinto, voltando a apresentar a predominância da ênclise nesses contextos (Paixão de Sousa, 2004, p. 249), fato que levou os estudiosos da sintaxe diacrônica de base gerativista a questionar o estatuto gramatical destas alterações na colocação pronominal átona na história da língua portuguesa.

O comportamento dos clíticos: considerações de Galves e Martins

Como observado anteriormente, nas orações independentes “neutras” havia variação entre próclise e ênclise. Contudo, no português europeu contemporâneo, a colocação do pronome tornou-se obrigatoriamente pós-verbal. Martins (1994) aponta que, no século XVII, Vieira já apresenta o uso da ênclise nesse contexto, indicando o abandono da próclise nesse tipo de sentença. Em contraste, Galves *et al.* (2005) situam essa mudança apenas no início do século XVIII, a partir de Matias Aires, em 1705.

⁵ A generalização de Tobler-Mussafia estabelece que um clítico não pode ocupar a posição de primeiro constituinte de uma oração (Galves; Brito; Paixão de Sousa, 2005, p. 52).

Martins (1994) analisou textos produzidos entre os séculos XVI e XIX, com o objetivo de reunir dados referentes às orações independentes “neutras”, bem como à interpolação de elementos entre o clítico e o verbo e constatou que o século XVI apresenta predominância da próclise. Já no século XVII, baseada nos textos de Vieira, verificou o predomínio da ênclise (68,4%) em relação à próclise (31,6%), além da ausência de constituintes interpolados distintos do advérbio ‘não’. Assim, Martins (1994, p. 277) conclui que a gramática do português contemporâneo resulta de uma mudança já perceptível no século XVII, sendo o texto de Vieira uma evidência desse processo.

Para sustentar sua conclusão acerca da mudança gramatical, Martins (1994) estabelece uma comparação entre os *Sermões* de Vieira e a correspondência de Francisco Manuel de Melo, indicando que Vieira já manifesta a nova gramática, enquanto Melo preserva a anterior. Para ela (1994), a alta frequência da próclise nas cartas de Francisco Manuel de Melo e de Antônio Vieira, nascidos em 1608, não constituiria uma marca gramatical intrínseca, mas uma característica da denominada “língua de cultura”, marcada pela influência do espanhol no século XVI.

A autora observa ainda que Vieira, em seus *Sermões*, diferentemente dos falantes atuais do português europeu, emprega a próclise em aproximadamente 30% dos casos e essa frequência se explica pelo fato de a maioria das ocorrências de próclise ocorrer em construções com foco no constituinte pré-verbal, contexto em que o uso da próclise se torna obrigatório (Galves, 2003).

Em oposição a essa perspectiva, Galves (2003) contesta a hipótese proposta por Martins (1994), segundo a qual Vieira já representaria, no século XVII, o surgimento de uma nova gramática caracterizada pela fixação da ênclise em orações matrizes consideradas “neutras”:

O século XVII é mais difícil de interpretar, dada a grande variação entre os autores. Um exemplo disso é Vieira, já que a alta proporção de ênclise nos *Sermões* levou Martins a afirmar que ele era representativo da mudança da gramática proclítica do século XVI para a gramática moderna. Mas a maior parte dos seus contemporâneos, e ele mesmo na sua correspondência, são tão proclíticos quantos os autores do século XVI (Galves, 2003, p. 247, tradução própria)⁶.

⁶ The 17th century is more difficult to interpret, given the great deal of variation between authors. Vieira is a case at point since the high proportion of V2 enclisis in the Sermons led Martins to assert that he was representative of the change from the proclitic grammar of the 16th century to the modern enclitic grammar. But as will be

Galves (2003) apresenta dados que indicam que Vieira, em seus textos, assim como seus contemporâneos, exibe um comportamento tão proclítico quanto o dos autores do século XVI. De acordo com a autora, a elevada frequência de ênclise em Vieira revela um uso específico desse padrão, viabilizado por uma gramática em que a próclise se configura como o modelo dominante.

Ainda nesse prisma, Galves (2003) interpreta a colocação pronominal utilizada por Vieira em seus *Sermões* como uma expressão de seu estilo autoral. A autora ressalta ainda que a alta frequência de ênclise, em contraste com o padrão proclítico predominante no período, igualmente observado nas cartas do mesmo autor, pode ser explicada pela presença recorrente de tópicos contrastivos, traço característico da oratória barroca, conforme argumenta Galves (2003, p. 9):

A alta proporção de ênclise nos *Sermões* de Vieira pode ser, portanto, explicada por razões discursivas: os *Sermões* são obras-primas do estilo barroco, que usa oposições entre termos como um recurso estilístico fundamental (Galves, 2003, p. 9, tradução própria).⁷

Nas construções com contraste, um constituinte é deslocado para a periferia esquerda da oração com vistas a estabelecer contraste discursivo. Na análise de Galves (2003), esse constituinte ocupa a posição de tópico contrastivo, distinta das posições ocupadas por proclisadores, como foco, negação e operadores *wh*. Por essa razão, o verbo permanece como o primeiro elemento do domínio oracional, favorecendo a realização da ênclise.

Assim, segundo Galves (2003), nos *Sermões* de Vieira, a ocorrência da ênclise se dá porque, em sua gramática, essa construção é marcada e pode exercer função estilística. Com base na análise dos *Sermões* e das cartas, Galves *et al.* (2005) concluem que Vieira manifesta, por meio do uso da ênclise, uma gramática orientada pelo contraste, mostrando que o autor não constitui uma exceção no contexto do século XVII.

developed below, many of his contemporaries, and himself in his Correspondence, are as proclitic as the 16th century authors.

⁷ The high rate of enclisis in Vieira's sermons can be therefore explained by discursive reasons: the sermons are masterpieces of the baroque style, which uses oppositions between terms as a fundamental stylistic resort (Galves, 2003, p. 9).

Para essas autoras, embora os *Sermões* de Vieira exibam elevada incidência de ênclise, isso não pode ser tomado como evidência de mudança gramatical ocorrida no início do século XVII. Para elas, nessa obra, a sintaxe clítica está vinculada ao estilo contrastivo característico do barroco, já que os *Sermões* refletem a gramática do Português Clássico (Galves; Brito; Paixão de Sousa, 2005).

O uso da ênclise nas peças de Gil Vicente passa a ser discutido em Martins (2011) e merece atenção especial neste contexto, dada a natureza da obra teatral. Gil Vicente é um dramaturgo do século XVI, um possível falante do Português Médio (Galves; Namiuti; Paixão de Sousa, 2006), e escreveu autos entre os séculos XV e XVI. Suas personagens são fundamentais para os estudos linguísticos, pois os traços linguísticos atribuídos às figuras dramáticas permitem testar diversas hipóteses sobre a(s) gramática(s) subjacente(s) ao Português Clássico e sua relação com a variação linguística (Teyssier, 2005).

Assim, Martins (2011) investigou nove peças do teatro vicentino e 48 personagens populares, identificando 245 ocorrências de clíticos, das quais 117 (72,24%) estão em posição de ênclise e 68 (27,76%) de próclise. Consoante a autora, a análise da obra vicentina evidencia que, no português quinhentista, época de forte predomínio da próclise em orações finitas, uma outra gramática mais enclítica também coexistia, próxima tanto do português antigo quanto do português europeu contemporâneo (Martins, 2011, p. 83). Para Martins (2011), havia, portanto, uma gramática proclítica, erudita e que dominava na escrita, e uma enclítica, utilizada pelas classes populares com menor acesso à alfabetização e à produção textual:

A desigual visibilidade das duas gramáticas nos textos quinhentistas decorrerá do seu diferente estatuto sociolinguístico. É a menos visível delas que podemos encontrar nas falas dos personagens populares de Gil Vicente, e é essa a gramática que constitui o “elo (quase) perdido” do percurso evolutivo do português antigo ao português europeu contemporâneo. A gramática quinhentista que domina a produção textual decorre, por sua vez, de um caminho evolutivo que parece ter sido comum a todas as línguas ibéricas, mas que não teve continuidade em Portugal e na Galiza. Esta gramática a que poderemos chamar “pan-ibérica” foi perdendo espaço a partir do século XVII, até se extinguir, apesar da posição de vantagem que durante séculos manteve relativamente à gramática mais “enclítica” e popular. (Martins, 2011, p. 98).

Destacamos que conforme Namiuti e Cruz (2023), as pesquisas acerca dos elementos interpolados entre o clítico e o verbo, bem como sobre a posição do pronome átono na oração, levaram Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) a sugerir que a alternância entre ênclise e próclise nos textos de autores dos séculos XVI e XVII deve ser interpretada como uma oscilação decorrente de uma única gramática. Essa gramática, denominada pelas autoras de Português Médio, seria responsável pela geração das construções do período tradicionalmente identificado como Português Clássico.

Não obstante, Martins (2011) atestou uma elevada ocorrência de ênclise nos contextos de variação no teatro vicentino e propôs que, no período clássico, a gramática popular tendia à ênclise, enquanto a erudita (ou culta) era majoritariamente proclítica, coexistindo e competindo como normas distintas: a culta, presente nos textos literários, e a popular, representada na fala das personagens populares de Gil Vicente.

Galves (2015) questiona a hipótese de Martins (2011) e aponta para a necessidade de observar uma diferença entre personagens que retratam o tipo popular e figurados de outras camadas sociais para a confirmação da hipótese, uma vez que Galves (2015) observou que os contextos apresentados com alta frequência de ênclise são contextos que também favorecem a ênclise nas obras literárias de diferentes gêneros que compõem o CTB e que foram classificados por Galves (2015) de “contextos de variação II”.

Diante disso, enquanto Martins (2011) associa a elevada frequência de ênclise a uma sintaxe típica das classes populares, Galves (2015) argumenta que a variação se deve apenas a diferentes usos de uma mesma gramática e reorganiza os dados do teatro vicentino, classificando-os em dois contextos: Variação I e Variação II.

Galves (2015) notou que, no teatro vicentino, a ênclise atinge entre 92% e 100% de ocorrência nos contextos classificados como variação II, enquanto nos contextos de variação I ela aparece em 37,2% dos casos, um índice elevado para a época, porém ainda inferior ao da próclise (Galves, 2015, p. 69-70). Ademais, Galves (2015) ressalta que, nas obras de Gil Vicente, as personagens populares seguem o padrão dominante da época: a próclise predomina nos contextos de variação I e a ênclise nos contextos de variação II, embora com uma frequência de ênclise superior à registrada em outros autores contemporâneos. Com efeito, Galves (2015) sinaliza que nos demais textos literários do século XVI e XVII a ênclise é frequente no contexto de variação II, mostrando nos próprios

dados de Martins (2011) que os exemplos de ênclises eram exemplos do contexto de variação II. A estudiosa conclui:

Em resumo, não estamos frente a gramáticas distintas mas a usos distintos da mesma gramática. Isso é coerente com a observação de Martins (2011) de que a sintaxe de colocação das personagens populares de Gil Vicente é distinta tanto do português arcaico quanto do português europeu moderno. Isso decorre naturalmente do fato de que a gramática do PCI é distinta tanto do português arcaico quanto do português europeu moderno. (Galves, 2015, p. 74).

Além disso, Silva-Santos e Namiuti (2024), ao analisar a variação próclise e ênclise em duas peças do teatro vicentino, quais sejam: as tragicomédias *Serra da Estrela* e *Romagem dos Agravados*, constataram que a variação na colocação pronominal não é afetada pelo fator social, pois tanto personagens rústicos quanto figurados de outras camadas – nobres, eclesiásticos etc. – realizaram próclise e ênclise motivados pelo viés sintático, ou seja, pela presença do tipo de oração e elemento pré-verbal. Dessa maneira, para verificar as hipóteses de Martins (2011) e Galves (2015), e somar resultados aos disponíveis na literatura sobre a obra vicentina (Silva-Santos; Namiuti, 2024), faremos uma descrição da sintaxe dos clíticos no *Auto Pastoril Português*, peça disponível no Corpus Histórico de Português Anotado Tycho Brahe (CTB).

Corpus e metodologia

Partindo da perspectiva teórica gerativista e ancoradas no âmbito dos estudos linguísticos históricos, esta pesquisa buscou descrever e analisar a sintaxe da colocação pronominal no teatro português quinhentista. Os dados analisados foram extraídos manualmente do APP, de Gil Vicente, texto disponível no CTB, um *corpus* histórico do português amplamente utilizado em estudos de sintaxe histórica e reconhecido por sua anotação linguística detalhada.

Gil Vicente foi um dramaturgo do século XVI, considerado o fundador do teatro popular em Portugal, e integrou o movimento artístico e intelectual denominado Humanismo (Amorim, 2020). Nascido em 1465, é, portanto, um possível falante do português médio, conforme a classificação proposta por Galves, Namiuti e Paixão de

Sousa (2006). De acordo com Teyssier (2005, p. 17) “O teatro de Gil Vicente é sem dúvida o documento linguístico mais rico e mais variado de todos os que nos deixou o Portugal do século XVI”. Isso porque as peças apresentavam uma ampla e variada galeria de personagens, que apresentam uma riqueza de traços linguísticos atribuídos a cada figura dramática.

A obra vicentina é tradicionalmente classificada em autos pastoris, autos de moralidade e farsas. O APP, objeto deste estudo, insere-se na categoria dos autos pastoris e caracteriza-se pela representação da vida campestre e pela presença da chamada “linguagem rústica portuguesa”, descrita por Teyssier (2005) como um recurso que reproduz traços da fala popular do período. Segundo o autor, é nos autos vicentinos que esse estilo aparece pela primeira vez na literatura portuguesa, permitindo observar características do português popular da primeira metade do século XVI.

No que diz respeito à constituição do *corpus*, os dados foram coletados manualmente a partir da leitura integral da peça, procedimento que possibilitou identificar os contextos sintáticos relevantes para a análise da colocação de clíticos. As ocorrências foram organizadas em planilha *Excel*, permitindo a sistematização e descrição dos dados.

Para a descrição, consideramos um conjunto de fatores, quais sejam: (i) o tipo de personagem; (ii) o tipo de clítico; (iii) a colocação pronominal; e (iv) o contexto sintático, que abrange o tipo de oração, o modo verbal, o tipo de predicado e os constituintes pré-verbais.

Quanto aos contextos sintáticos, as orações foram classificadas em domínios dependentes e não dependentes e agrupadas em contextos de Variação I e Variação II, seguindo a classificação de Galves (2015).

Resultados e discussão

Essa seção está destinada à apresentação das estruturas com clíticos atestadas no *Auto Pastoril Português*. A descrição considera os contextos de ordem fixa para a ênclise, para a próclise, ambientes de ordem variável correspondentes às orações raízes neutras (Martins, 1994) introduzidas por certos elementos, além de outros contextos evidenciados na peça, como redobro, alçamento de clítico e interpolação.

De maneira geral, foram atestadas sentenças com clíticos dativos e acusativos de 1ª, 2ª e 3ª pessoa, totalizando 160 ocorrências. Destas, 126 são casos de próclise e 34 de ênclise (1 de dado mesóclise foi contabilizado nesse contexto por se tratar de um subcaso de ênclise). Os dados foram agrupados considerando a distribuição proposta por Galves (2015), a saber, próclise categórica, ênclise categórica e contextos de Variação I e Variação II, distribuídos em orações principais e subordinadas, conforme apresenta a tabela 1.

Tabela 1. Distribuição da colocação de clíticos

Contextos sintáticos	Próclise	Ênclise	TOTAL
Ênclise categórica			
Orações matrizes neutras V1	0 (0%)	15 (100%)	15
Próclise categórica			
Orações principais e coordenadas introduzidas por advérbios proclisadores	16 (100%)	0 (0%)	16
Orações subordinadas finitas	58 (98%)	1 (2%)	59
Principais interrogativas e exclamativas	18 (90%)	2 (10%)	20
Orações subordinadas reduzidas de infinitivo introduzidas por preposição	2 (100%)	0 (0%)	2
Variação I			
Orações matrizes e coordenadas neutras ⁸	31 (77%)	9 (23%)	40
Variação II			
Orações matrizes e coordenadas neutras	0 (0%)	5 (100%)	5
Contexto variável			
Orações subordinadas reduzidas de infinitivo	1 (34%)	2 (66%)	3
Soma de todos os contextos	126	34	160

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na Tabela 1, os dados distribuem-se entre contextos de colocação categórica (subordinadas finitas, infinitivas, matrizes V1, principais introduzidas por advérbios proclisadores, principais interrogativas e exclamativas) e contextos de variação (orações matrizes neutras iniciada por certos elementos e coordenadas introduzidas somente pela conjunção coordenativa). A próclise constitui o padrão predominante no *corpus* de uma maneira geral, sendo quantitativamente superior no contexto de Variação I. Os contextos

⁸ Um dado de interpolação do pronome clítico 'me' entre um quantificador e um nome foi atestado no auto, todavia Martins (1994) e Namiuti (2008) não verificaram dados semelhantes na história da língua portuguesa, já que não é um lugar esperado para um clítico: (i) Toda **me** hora eu arreberto

classificados como Variação I apresentam alternância entre próclise e ênclise, confirmando seu estatuto como ambientes variáveis na colocação pronominal, já nos contextos de Variação II não há dados de próclise (cf. tabela 1). Nesse sentido, verifica-se maior frequência da próclise nos contextos de Variação I, enquanto nos de Variação II registram-se apenas ocorrências de ênclise, padrões semelhantes aos já atestados em textos do Português Clássico (Galves; Namiuti; Paixão de Sousa, 2006; Galves, 2015).

A partir dessa visão geral, examinamos a distribuição da colocação dos pronomes consoante ao tipo de oração. A distinção entre orações não dependentes e dependentes é particularmente relevante para o estudo da sintaxe dos clíticos, uma vez que determinados contextos sintáticos condicionam de forma mais forte a ocorrência de próclise ou ênclise (Martins, 1994; Galves, 2015).

Quanto aos tipos de orações, foram identificadas sentenças dependentes e não dependentes no *corpus* em estudo. Assim, os dados serão apresentados da seguinte forma: subordinadas finitas, que incluem as relativas, completivas e adverbiais; subordinadas não finitas, ou infinitivas, que são as reduzidas; matrizes (principais ou absolutas); e as coordenadas.

No tocante às subordinadas finitas no APP, essas orações apresentam predominância da próclise, pois são contextos em que a colocação pronominal é obrigatória ou fortemente preferida, como nos casos de próclise categórica (cf. Tabela 1). Verificamos 9 dados de orações relativas em próclise categórica (ex. 27); 25 sentenças completivas desenvolvidas, sendo que todas ocorrem em próclise categórica (ex. 28); e 25 casos de subordinadas adverbiais, distribuídas em 24 casos de próclise categórica (ex. 29) e 1 dado de ênclise na sentença subordinada (ex. 30).

(27) minha vida e meu descanso que me estais namorando (Caterina, v_005, APP, p. 27)⁹

(28) digo que te vás Joane (Caterina, v_005, APP, p. 27)

(29) E seu pai er assi porque se casou furtada (Vasco Afonso, v_005, APP, p. 26)

(30) e ele tal que a filha de Janafonso foi-lhe pedir um responso¹⁰ (Inês, v_005, APP, p. 28)

⁹ Todos os exemplos extraídos do auto em análise estão referenciados da seguinte forma: nome do personagem, código do texto, código da peça e número da página.

¹⁰ Esse exemplo admite uma interpretação ambígua, pois o pronome está entre os dois verbos, proclítico ao principal sem a subida e enclítico ao auxiliar com o alçamento, sem nenhum constituinte que determine a colocação, embora a grafia com hífen ligando o clítico ao auxiliar, nos faça considera-lo como um caso de ênclise em subordinação.

As sentenças dependentes são ambientes categóricos para a próclise no Português Clássico, enquanto a ênclise é marginal nesse tipo de contexto (Martins, 1994; Galves, 2003), e os dados confirmam esse padrão. Nas ocorrências do *corpus*, o pronome anteposto é predominante nas orações que dependem de uma principal, de modo que esse comportamento está em consonância com a literatura sobre a sintaxe dos clíticos na diacronia da língua portuguesa, que descreve as subordinadas finitas como espaços favoráveis à próclise, devido à presença de elementos subordinadores que atuam como desencadeadores da anteposição do clítico (Martins, 1994; Galves, 2015).

O exemplo 30, além de ilustrar um caso de ênclise em subordinação, apresenta alçamento do clítico, estrutura recorrente em predicados complexos, visto que o clítico 'lhe' é argumento do verbo infinitivo 'pedir', porém ocorre mais alto na oração, realizado no verbo finito 'foi'. Outras 18 ocorrências com subida de clítico foram atestadas, sendo 14 em contextos categóricos de próclise (ex. 31) e 4 em variação I (ex. 32).

(31) vás Joane que não **te** quero escutar (Caterina, v_005, APP, p. 27)

(32) e ela foi-**me** afagar (Margarida, v_005, APP, p. 28)

Nos exemplos 31 e 32, respectivamente, o clítico objeto dos verbos 'escutar' e 'afagar', que estão na forma infinitiva, aparecem adjacentes aos verbos 'quero' e 'foi' na forma finita (flexionada). A distinção ocorre quanto ao tipo de oração, uma vez que em 31 tem-se uma subordinada adverbial, com clítico anteposto, e em 32 há uma oração principal introduzida pelo pronome sujeito 'ela', com posposição do pronome átono, configurando um caso de Variação I.

Seguindo, nas construções sintáticas, há estruturas de subordinadas não finitas, em que a oração aparece sem a presença da conjunção subordinativa. Verificamos 1 reduzida de infinitivo adverbial introduzida pela preposição 'por' (ex. 33) e 4 dados de reduzidas de infinitivo completiva – 2 em ênclise (ex. 34) e 2 em próclise (ex. 35). Frisamos que dos 2 dados de próclise na oração completiva reduzida, 1 caso representa uma sentença introduzida pela preposição 'de' (ex. 36), que, conforme Martins (1994), corresponde a uma preposição que sempre determinou a posição pré-verbal do clítico.

(33) isso focas mui asinha por **me** meter rebentinha (Joane, v_005, APP, p. 27)

(34) que não quero ver-**te** (Inês, v_005, APP, p. 28)

(35) não me quereis **vos** crer nada (Margarida, v_005, APP, p. 28)

(36) lhe prometia de **lhe** dar um bom castigo (Margarida, v_005, APP, p. 28)

Em contraste com o comportamento observado nas subordinadas, nas orações não dependentes, mais especificamente as principais, identificamos 78 dados, alternados entre próclise e ênclise, de modo que, para a análise, separamo-las em matriz V1, principal exclamativa, principal interrogativa e principais introduzidas por determinados constituintes.

Nas matrizes V1, somam-se 17 ocorrências, todas enclíticas, em que 15 são categóricas (ex. 37) e 2 são de principais interrogativas (ex. 38). É importante destacar que 1 dado de variação I em ênclise (ex. 39) na sentença raiz foi levantado, entretanto em uma matriz V2 - verbo em segunda posição na sentença.

(37) dá-**me** tu a mão Fernando (Caterina, v_005, APP, p. 28)

(38) Perguntou-**te** por alguém? (Vasco Afonso, v_005, APP, p. 28)

(39) A mim dizem-**me** que não (Margarida, v_005, APP, p. 26)

Orações em que o verbo é a primeira palavra não clítica da oração constituem ambientes de ênclise obrigatória. Já o exemplo 39, por ser V2, atesta a ênclise em contexto de variação I, haja vista a presença do PP fronteado 'a mim', que configura um caso de redobro do objeto clítico.

Destacamos que o fenômeno de redobro, como o verificado em 39, acontece tanto nos contextos de variação como nos categóricos. Foram observados no APP 10 dados com redobro do objeto, todos encabeçados por uma preposição (PP), mais especificamente pela PP 'a'. Os casos de redobro evidenciados no auto são, em sua maioria, com os pronomes oblíquos 'mim' (cf. ex. 39) e 'ti' (ex. 40), mas aprecem, além desses, com o pronome pessoal 'ela' (ex. 41).

(40) eu **te** farei a ti Inês (Joane, v_005, APP, p. 28)

(41) porque bem como raposa **lhe** estiraram a ela os véus (Vasco Afonso, v_005, APP, p. 26)

Foram atestados também frases interrogativas e exclamativas, ambas em próclise. Para as interrogativas, 17 dados categóricos (ex. 42), já para a exclamativa, apenas 1 dado categórico (ex. 43).

(42) Que **a** andas buscando? (Caterina, v_005, APP, p. 27)

(43) Jesus como **me** amofina (Caterina, v_005, APP, p. 27)

É relevante apontar que frases interrogativas e exclamativas Wh, como as exemplificadas em (42) e (43) são contextos de próclise categórica. São consideradas contextos de variação ênclise e próclise apenas as orações matrizes afirmativas neutras que não são V1, ou seja, as afirmativas V2 ou V>2.

Dito isso, dos 78 dados de sentenças matrizes, excetuando interrogativas e exclamativas, 40 correspondem a casos de próclise. Das 40 sentenças com o pronome anteposto ao verbo, 14 acontecem em contextos obrigatórios (ex. 44) e 26 em contextos de variação I (ex. 45).

(44) Não **me** arrarão alfinetes (Joane, v_005, APP, p. 27)

(45) Tu **me** hás de fazer botar (Joane, v_005, APP, p. 27)

As sentenças principais em próclise categórica identificadas no auto apresentam o operador de negação predicativa, como no exemplo 44, elemento que atrai o pronome para a posição anterior ao verbo (Martins, 1994). As principais em contexto de Variação I são introduzidas por sujeito neutro, advérbios, objeto direto frontado, de forma que atestamos orações iniciadas por tais elementos, como demonstrado nos exemplos 46, 47 e 48.

(46) eu **a** fartarei de migas (Margarida, v_005, APP, p. 28)

(47) ontem **lhe** dei eu um mote (Joane, v_005, APP, p. 29)

(48) porém amor **lhe** tenho eu (Vasco Afonso, v_005, APP, p. 26)

Em 46, a oração principal é iniciada pelo sujeito, já 47 e 48, são introduzidas, respectivamente, pelo advérbio e pelo objeto direto frontado antecedido da conjunção 'porém', ambas com sujeito posposto ao verbo.

Entre os advérbios que introduzem as sentenças raízes, vale destacar que ‘agora’, assim como o advérbio ‘asinha’ (ex. 49), não foram considerados por Martins (2011) em suas análises sobre a colocação pronominal no teatro vicentino. Conforme Martins (2011), ambos parecem desencadear a próclise à época - o ‘agora’ por gerar o uso do pronome anteposto recorrentemente e ‘asinha’ por ser realizado em uma oração que ocorre a interpolação do ‘eu’, fenômeno de próclise obrigatória (Martins, 2011, p. 88).

(49) bofé asinha **o** eu direi (Martins, 2011, p. 88)

Quanto às ocorrências de clítico posposto nas orações principais neutras, há 9 dados em variação I, sendo 4 na principal (ex. 50) e 5 em coordenadas raízes (ex. 51).

(50) tu vás-**te** andar pelos chavascais (Fernando, v_005, APP, p. 27)

(51) e tu tens-**me** tal entejo (Joane, v_005, APP, p. 27)

Orações com sujeito pré-verbal (SV) como em 45, 46 e 50 são atestados no auto. Há 24 sentenças com SV, dentre elas principais e coordenadas raízes iniciadas pela conjunção coordenativa, em que 18 são com a próclise (ex. 52) e 6 em ênclise (ex. 53).

(52) Eu **te** esperei à portela (Caterina, v_005, APP, p. 27)

(53) e ele falava-**lhe** em al (Inês, v_005, APP, p. 28)

Namiuti e Cruz (2023) demonstram casos raros de SV no *Auto da Feira* (6 dados) e na *Barca do Inferno* (11 dados), todos com o clítico anteposto ao verbo, sendo o sujeito, em sua maior parte, nulo ou pós-verbal (VS). Também, Silva-Santos e Namiuti (2024), ao analisar as Tragicomédias *Serra da Estrela* e *Romagem dos Agravados*, evidenciaram alguns casos de sujeito pré-verbal nas ditas peças (10 na *Serra da Estrela* e 5 na *Romagem dos Agravados*, atestados em próclise). Esse resultado é coerente ao verificado no APP, pois essa peça, assim como as citadas anteriormente, dispõe de dados com SV.

Com relação ao comportamento dos clíticos nas orações coordenadas raízes, foram levantados 18 dados, contabilizando 8 em próclise, 9 em ênclise e 1 em mesóclise. Nos dados de próclise, constatamos 2 ocorrências categóricas (ex. 54) e 6 em variação I (ex. 55). No que concerne aos casos com clítico pós-verbal, detectamos 4 dados em variação I

(ex. 56) e 4 em variação II (ex. 57). De todas as ocorrências com clíticos atestadas no auto, apenas 1 caso com mesóclise (ex. 58) foi registrado, sendo realizado na oração coordenada.

(54) e não **me** estarei moendo (Joane, v_005, APP, p. 27)

(55) pois sicais **te** quero aosadas grande bem (Joane, v_005, APP, p. 27)

(56) & tu andas-**me** assoviando (Fernando, v_005, APP, p. 28)

(57) mas casemonos eu e ti (Caterina, v_005, APP, p. 28)

(58) e tanger-**lhe**-á o Moreno (Vasco Afonso, v_005, APP, p. 26)

No exemplo 54, embora a oração seja uma coordenada introduzida pela conjunção copulativa, há a presença do operador negativo, uma partícula proclisadora. Em 55, observa-se o fenômeno de redobro do objeto com o pronome clítico ‘te’, que retoma o objeto explícito ‘aosadas grande bem’. Essa construção ocorre em uma oração coordenada que contém os advérbios ‘pois’ e ‘sicais’, reforçando a presença do objeto pronominal tanto na forma plena quanto retomado pelo clítico, o que caracteriza um caso de variação I. A colocação do clítico antes do verbo nesse contexto é coerente com a presença dos elementos adverbiais que atraem o clítico para a posição anterior.

Em 56, o verbo é antecedido pelo sujeito, contexto de Variação I. Já em 57 e 58 há, respectivamente, um dado de ênclise e outro de mesóclise (“variante morfológica da ênclise”, Martins, 2011, p. 89) antecidos pelas conjunções coordenativas ‘mas’ e ‘e’, contexto de variação II.

Nessa linha de intelecção, essa descrição inicial dos dados por tipo de oração permite contextualizar a distribuição da colocação pronominal em ambientes dependentes e não dependentes, estabelecendo quais contextos favorecem a próclise e a ênclise. Com o agrupamento das ocorrências, notamos que a próclise é predominante no APP, tanto nos contextos obrigatórios (92 dados) quanto nos de variação I (31 dados).

Com relação aos contextos de Variação I e Variação II, nas tragicomédias *Serra da Estrela (EST)* e *Romagem dos Agravados (AGR)*, Silva-Santos e Namiuti (2024) atestaram o pronome posposto ao verbo em taxas superiores aos demais textos do século XVI, com 32% em ambas as peças, entretanto, a próclise conservou-se superior aos 60%. Além disso, verificaram que nos contextos de Variação I há predomínio da próclise e nos de

Variação II há superioridade da ênclise em ambas as peças. Quanto às categorias de personagens, na EST há rústicos e alegorias, e na AGR, há rústicos, nobres, clérigos e freiras, de modo que observamos a realização de colocação pré-verbal e pós-verbal sendo realizadas por distintos tipos sociais, ou seja, a colocação não é exclusiva de uma tipologia específica de figurado.

No APP, a próclise é mais frequente no contexto de Variação I, totalizando 77% das ocorrências. Em contrapartida, no de Variação II, a ênclise equivale a 100% dos casos, ou seja, nenhum dado de clítico pré-verbal foi identificado nesse contexto. Dessa forma, o auto mantém o padrão registrado por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) com relação a maior frequência da próclise, visto que as construções gramaticais com clítico confirmam predominância da próclise nas orações principais introduzidas por certos constituintes e favorecimento da ênclise nas orações coordenadas iniciadas apenas pela conjunção coordenativa.

Ainda, a fim de analisar a hipótese de Martins (2011) no que tange à existência de uma gramática popular enclítica no teatro vicentino, reunimos os dados por personagem. A maioria dos figurados são populares/rústicos, como Vasco Afonso, Caterina, Joane, Margarida, Fernando, Madalena e Inês; há também outros tipos, como os clérigos, que são figuras religiosas, de forma que no contexto de Variação I, pronome pré-verbal e pós-verbal é realizado por todas as categorias, exceto pelos clérigos que não realizam a ênclise em variação I. Atestam próclise todas as personagens: Vasco Afonso, Caterina, Joane, Fernando, Madalena, Inês, Margarida e os clérigos. Atestam ênclise: Vasco Afonso, Caterina, Joane, Fernando, Inês e Margarida. No contexto de Variação II, não há colocação proclítica e a ênclise é realizada por Joane, Caterina e Margarida.

Tabela 2. Próclise e ênclise em Variação I por personagem

Posição do clítico	Rústicos	Clérigos
Próclise em Variação I	30 (77%)	01 (100%)
Ênclise em Variação I	09 (23%)	0 (0%)
Total	39	01

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Tabela 3. Próclise e ênclise em Variação II por personagem

Posição do clítico	Rústicos	Clérigos
Próclise em Variação II	0 (0%)	0 (0%)
Ênclise em Variação II	5 (100%)	0 (0%)
Total	05	0

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Nas tabelas 2 e 3, agrupamos a frequência da variação I e II por dois grupos de figurados – os rústicos e os clérigos. Neste auto, a reduzida quantidade de dados referentes aos personagens não rústicos limita a comparação entre os grupos, entretanto, considerando o objetivo de somar os resultados com outros disponíveis na literatura (Silva-Santos; Namiuti, 2024), tem-se que, nas peças já analisadas, de maneira geral, a colocação pronominal, seja anteposta ou posposta ao verbo, não está restrita a um tipo específico de personagem. Diante disso, figurados de diferentes níveis sociais ou culturais podem empregar tanto a próclise quanto a ênclise nos contextos de variação determinados por fatores sintáticos, como o tipo de oração ou pelo constituinte que precede o verbo.

Relativo às porcentagens, o APP é proclítico no contexto de Variação I e enclítico no de Variação II (cf. tabela 1), resultado consistente com os dados registrados nos textos representativos do Português Clássico por Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005), e recuperado em Galves (2015).

No tocante ao fenômeno de interpolação, diversos estudos (Martins, 1994; Namiuti, 2008, entre outros) demonstraram que certos constituintes sintáticos podem ocorrer entre o clítico e o verbo, ou seja, interpolados em textos dos séculos XIII e XVI. Nas investigações desenvolvidas com base no CTB, o advérbio de negação ‘não’ é frequente em posição interpolada. Não obstante, a ocorrência de interpolação envolvendo outros constituintes é rara, sendo registrada apenas em textos produzidos por autores nascidos no século XVI (Galves; Namiuti; Paixão de Sousa, 2006, p. 55). Ainda, Namiuti (2008), ao investigar o fenômeno no CTB, identificou uma característica particular em textos de autores nascidos até a primeira metade do século XVII: a interpolação da negação “passa a ser encontrada também em orações raízes neutras” (Galves; Namiuti; Paixão de Sousa, 2006, p. 57) e esse aspecto é um dos indícios que Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) consideram como

indicador “de uma inflexão na sintaxe dos clíticos ao redor dos 1400” (Galves; Namiuti; Paixão de Sousa, 2006, p. 58).

A partir dessas constatações, das 92 ocorrências de próclise obrigatória levantadas na referida peça em estudo, 58 são em orações subordinadas desenvolvidas. Destas, 11 atestaram interpolação de constituintes, sendo eles o operador de negação ‘não’, os pronomes sujeitos ‘eu’ e ‘ela’ e o demonstrativo ‘isso’ (59, 60, 61 e 62). Além disso, 02 casos de elemento interpolado entre o clítico e o verbo foram verificados na oração principal (63) com pronome sujeito.

(59) o dia que **te** não vejo (Joane, v_005, APP, p. 27)

(60) Ó dexemo que **te** eu digo (Joane, v_005, APP, p. 27)

(61) não sei como **se** ela chama (Vasco Afonso, v_005, APP, p. 26)

(62) ora bem se **me** eu isso soubera nunca (Joane, v_005, APP, p. 27)

(63) nunca **te** eu a roca dera (Joane, v_005, APP, p. 27)

Quanto à frequência, a ocorrência de interpolação do operador de negação ‘não’ possui baixa incidência no nosso *corpus*, diferentemente do observado nos demais textos do período clássico (cf. Martins 1994; Galves, Paixão de Sousa, Namiuti 2006; Namiuti 2008), em que o ‘não’ é frequentemente atestado interpolado entre o clítico e o verbo. Ademais, casos de interpolação envolvendo outros constituintes, como pronomes sujeitos e o demonstrativo ‘isso’, foram identificados na peça, conforme demonstram as tabelas 4 e 5.

Tabela 4. Interpolação da negação

Posição do clítico		Ocorrências
Próclise interpolação	sem	3 (75%)
Próclise interpolação	com	01 (25%)
Total		04

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Tabela 5. Interpolação generalizada

Posição do clítico		Ocorrências
Próclise interpolação	sem	58 (80%)
Próclise interpolação	com	15 (20%)
Total		73

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Esse resultado não contraria as descrições da literatura, uma vez que o *corpus* analisado é datado do século XVI, período para o qual pesquisas baseadas no CTB registraram, ainda que raramente, a interpolação de elementos distintos da negação em textos de autores nascidos nesse século, sendo os textos de autores nascidos até a primeira metade desse século os que mais atestam o fenômeno.

Diante disso, a similaridade entre o estatuto da colocação pronominal, as ocorrências de interpolação observadas na peça e aquelas registradas em textos de autores nascidos entre os séculos XVI e XVII, aliada à presença de sujeito pré-verbal (VS), reforça a hipótese de que a gramática subjacente às falas das personas do teatro vicentino corresponde a do Português Clássico, ou português médio, conforme denominado por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006).

Conclusão

As análises do APP, somada aos resultados de outras duas peças, EST e AGR (Silva-Santos; Namiuti, 2024), mostram que o comportamento da colocação pronominal nos referidos autos vicentinos é compatível com a hipótese de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), pois sugerem uma língua com maior frequência da próclise nos contextos de Variação I e favorecimento da ênclise nos de Variação II. No que se refere à hipótese de Martins (2011), os dados do *corpus* analisado, junto aos das Tragicomédias *Serra da Estrela* e *Romagem dos Agravados* sugerem que a alternância entre próclise e ênclise não reflete a competição entre gramáticas distintas representadas pelos diferentes tipos sociais de personagens, como apontado por Martins (2011) sobre a existência de uma gramática popular enclítica e uma erudita proclítica.

Pelo contrário, as escolhas de colocação pronominal estão sistematicamente condicionadas por fatores sintáticos, como o tipo de oração, a presença de constituintes pré-verbais (sujeito, advérbios, objetos fronteados) e operadores de negação, convergindo com a descrição proposta por Galves (2015), segundo a qual a alternância entre próclise e ênclise decorre da atuação de fatores sintáticos e informacionais próprios de uma mesma gramática do Português Clássico.

Esse aspecto sugere que as falas dos personagens, em seus aspectos sintáticos, muito especialmente no que diz respeito à colocação de clíticos, podem ser justificadas por uma única gramática subjacente, coerente com o PCI, na qual a próclise predomina em certos contextos, e a ênclise é favorecida em outros. Assim, a variação observada corresponde à representação de usos distintos de uma mesma gramática, e não à coexistência de gramáticas em competição.

Dessa forma, a colocação pronominal no *Auto Pastoril Português* amplia a descrição da sintaxe dos clíticos no teatro vicentino e está de acordo com a gramática do período clássico. Essa interpretação é possível, não somente pela observação da variação do clítico em certos contextos, mas, também, por outros fenômenos observados, como a realização do sujeito e a interpolação, que apresentam, nas peças analisadas, padrões similares aos encontrados em outros textos do Português Clássico, fortalecendo, desse modo, a hipótese proposta por Galves (2015).

Referências

- AMORIM, C. **Literatura portuguesa: das origens à contemporaneidade**. Curitiba: IESDE, 2020.
- ANDRADE, A. L; NAMIUTI, C. Gone without the verb: Clitic interpolation and clitic climbing in the history of European Portuguese. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, p. 201-219, 2016.
- CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge (MA): MIT Press, 1995.
- GALVES, C. **Padrões Rítmicos Fixação de Parâmetros e Mudança Linguística**. Campinas: Projeto FAPESP, 1997.
- GALVES, C. Syntax and Style in Padre Antonio Vieira. **Santa Barbara Portuguese Studies**, v. VI, 2003.

GALVES, C; BRITO, H; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The change in clitic placement from Classical Portuguese to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, n.1, p. 39-67, 2005.

GALVES, C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da Língua Portuguesa. In: ENDRUSCH, A; KEMMLER, R; SCHAFER-PRIE, B. (org.). **Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch**. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006, p. 45-74.

GALVES, C; LOBO, T. Ordem dos clíticos. In: LOBO, T; OLIVEIRA, K. (org.). **África à vista**. Salvador: EDUFBA, 2009.

GALVES, C. A ênclise no português clássico. Variação, gramática e uso. In: FIGUEIREDO, C; ARAÚJO, E. (org.). **Diálogos com Ribeiro. Sobre gramática e história da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 61-75.

KROCH, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. **Language Variations and Change**, v, 1, n. 3, p. 199-244, 1989.

KROCH, A. Syntactic Change. In. BALTIN, M; COLLINS, C (eds.). **The handbook of contemporary syntactic theory. Massachusetts**. USA: BlackWell, p. 699-729, 2001.

MARTINS, A. M. **Clíticos na história do português**. 1994. 322 f. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1994.

MARTINS, A. M. Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino. **Estudos de linguística galega**, v. 3, p. 83-109, 2011.

NAMIUTI, C. **Aspectos da história gramatical do português. Interpolação, negação e mudança**. 2008. 315 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Unicamp, São Paulo, 2008.

NAMIUTI, C. CRUZ, R. C.D. O estatuto gramatical da sintaxe dos clíticos em dois autos do teatro de Gil Vicente: competição de gramáticas ou questões de interface?. In: NAMIUTI, C; GONÇALVES, E (org.). **Morfologia, Sintaxe e Interfaces**. São Paulo: Pontes, 2023. p. 139-165.

OGANDO, V. A colocación do pronome átono en relación co verbo no galego-portugués medieval. **Verba**, v, 7, p. 251-282, 1980.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600**. 2004. 455 f. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp. Campinas, 2004.

RAMSDEN, H. **Weak-Pronoun Position in the Early Romance Languages**. Manchester: Manchester University Press, 1963.

SILVA-SANTOS, M. L.; NAMIUTI, C. Clíticos no teatro português quinhentista: variação e gramáticas nas tragicomédias *Romagem dos Agravados* e *Serra da Estrela*. In: Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica, 2024, Vitória da Conquista. **Anais do XXVIII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica**. Vitória da Conquista: UESB, 2024.

TEYSSIER, P. **A língua de Gil Vicente**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

Sobre as autoras

Mireia Lêda Silva Santos

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9616-9627>

Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB). Bolsista CAPES.

Cristiane dos Santos Namiuti

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1451-8391>

Professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL/UESB). Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB). Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2008), com estágio de doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa, Portugal (2006).